"No Caminho do Futuro": comentário sobre as Ciências Humanas[1]

Simon Schwartzman

Concordo com praticamente tudo que diz Renato Janine Ribeiro em seu belo texto sobre as ciências sociais. As ciências sociais, como ele mesmo ressalta, são muito diversificadas, e por isto comportam pontos de vista distintos. Eu gostaria de chamar a atenção para três temas complementares, e três notas de pé de página, que acho que deveriam ser tomados em conta em um projeto para o futuro das ciências no Brasil.

I

O primeiro tema é que, além das ciências sociais "clássicas" - a sociologia, a antropologia e a ciência política - a área inclui muitas outras disciplinas que, hoje, reúnem o maior número de estudantes de ensino superior do país - Administração, Direito, Pedagogia, Educação, Economia, Demografia, Comunicações, Serviço Social, a Saúde Pública; e, se abrirmos para as humanidades, História, Geografia, Literatura, Línguas, Filosofia. Destas, a Economia tem um destaque todo próprio, é a única que tem um Prêmio Nobel, e hoje seu campo já não se limita aos temas tradicionais de produção econômica e mercados, mas inclui incursões cada vez mais fortes em temas como educação, pobreza, desigualdades sociais, justiça, planejamento urbano, etc. O Direito, no Brasil, é uma disciplina que antecede e sempre se manteve separada das ciências sociais clássicas. É possível dizer que a maioria das outras disciplinas sociais aplicadas - como a Administração, a Comunicação Social, e a Educação - não têm a mesma tradição de trabalho e consistência interna (alguns diriam "paradigma") que a Economia, o Direito e as ciências sociais clássicas (apesar da pouca sistematização destas, em comparação com muitas ciências naturais), e por isto dependem muito de pesquisadores formados nas disciplinas mais centrais para o seu desenvolvimento. É possível dizer que a maioria das contribuições teóricas e das pesquisas mais importantes em áreas como educação, teoria organizacional,

[1] Comentário ao texto sobre "Ciências Humanas", de Renato Janine Ribeiro, preparado para o seminário "No Caminho do Futuro," organizado pelo Ministério de Ciência e Tecnologia, "com a finalidade de sugerir linhas básicas que orientem a elaboração de um Livro Verde de Ciência e Tecnologia para a Inovação para os próximos 10 anos". Brasília, 19 de dezembro de 2000.

administração e comunicações tem sido feitas, em todo o mundo, por cientistas sociais clássicos, e, de maneira crescente, por economistas. No Brasil, no entanto, os cientistas sociais tendem a se esquecer que fazem parte de um universo muito mais amplo, no qual poderiam ter um papel importantíssimo, tanto como teóricos e pesquisadores quanto como educadores, mas em relação ao qual, geralmente, ficam de costas.

II

Mas, porque os cientistas sociais "clássicos" deveriam se interessar por estas disciplinas mais "periféricas" e aplicadas? A principal razão é que é sobretudo nestas áreas que se dá a relação mais forte entre o conhecimento (tanto na forma de conceitos, quanto na forma de pessoas formadas nestas disciplinas) e os grandes temas da realidade nacional. Três exemplos bastam para mostrar o que penso.

A área da educação, primeiro. Só agora o Brasil chega perto de dar acesso universal aos primeiros anos de escola, e o que sabemos sobre o fracasso escolar, o analfabetismo funcional, a obsolescência dos currículos, e tudo o mais, é extremamente preocupante. Os cientistas sociais "clássicos" não se preocupam muito com o tema, que fica nas mãos dos pedagogos, cuja formação em pesquisa e teoria social freqüentemente deixa a desejar; ou de economistas, que analisam as questões educacionais fazendo uso de instrumentos estatísticos e quantitativos poderosos, mas limitados geralmente a umas poucas variáveis; ou de cientistas naturais, como neste evento (veja os trabalhos de Sá Barreto e De Meis, que são os que tratam da educação), que, compreensivelmente, tendem a limitar sua atenção aos problemas da formação técnica e da educação científica. Entender como e porque as crianças aprendem ou não; as diferentes características dos sistemas educacionais; as alternativas e dilemas da descentralização; o papel do setor público e do setor privado; o papel da cultura na aquisição de conhecimentos básicos; as técnicas de alfabetização e seus limites; o potencial e os problemas da novas tecnologias educacionais; as alternativas, alcances e limitações dos processos de avaliação de desempenho; as relações entre conhecimento, competência e mercado de trabalho; os problemas e alternativas para a formação do professor do ensino básico; todos estes são temas de grande importância para o país, um "mercado" gigantesco de estudos, trabalhos e preparação de materiais, que os cientistas sociais "clássicos", até aqui, têm preferido abandonar.

A área do Direito, segundo. Ainda que já existam alguns exemplos importantes de cientistas sociais estudando como funcionam nossos tribunais, quem são nossos juizes, qual o papel e a natureza do ministério público, como se dá a justiça

no país, esta tem sido, predominantemente, uma caixa preta. O Brasil não tem, praticamente, nenhuma tradição de pesquisa nas faculdades de direito, que seguem uma tradição letrada, especulativa e de "direito positivo", com pouco ou nenhum contato com as análises empíricas, os estudos comparativos, e o conhecimento mais profundo das diferentes culturas, práticas e formas de organização do sistema jurídico e suas implicações. O direito afeta, diariamente, milhões de pessoas, pelo acesso que dá ou recusa às suas cortes, pelas decisões que afetam a ordem política e econômica, pelo que custa e pelos benefícios que traz na manutenção de um estado de direito. No entanto, o desconhecimento e o alheamento dos cientistas sociais "clássicos" sobre a área jurídica é quase total.

A área de administração, terceiro. Esta já é a maior área de estudos superiores no Brasil. Porque tanta gente estuda administração? Várias razões. A oferta de cursos é maior, principalmente em cursos noturnos, não muito caros, em escolas privadas. Como o nível é geralmente baixo, estes cursos não requerem muita formação anterior, são fáceis de seguir. E o mercado valoriza. Não é que todas as pessoas que se formam em administração sejam, de fato, administradores profissionais. Mas elas já ouviram falar, pelo menos, em liderança, recursos humanos, cargos e salários, têm noções de contabilidade, economia, e são preferidas, no mercado de trabalho, a outras que não chegaram a fazer nenhum curso superior. A área de administração, no Brasil, tem duas facetas (como, aliás, as demais): por um lado, é um tema especializado, que requer pesquisas e conhecimentos aprofundados de teoria organizacional, psicologia de grupo, sistemas complexos de planejamento e gerenciamento, microeconomia, etc. Temos muito pouco disto, no Brasil. Nas boas escolas de business, no exterior, quem faz o trabalho de pesquisa são os economistas cientistas sociais, enquanto que os especialistas em business fazem consultorias e trabalhos mais aplicados.[2] Por outro lado, as escolas de administração são, na realidade, escolas de formação geral, aonde o estudante adquire um pouco de verniz sobre temas atuais e a realidade do mundo em que vive, coisas que são valorizadas no mundo do trabalho. Só uma pequena parcela dos alunos das faculdades de administração, direito e economia permanecem em carreiras profissionais de administradores, juristas e advogados, e economistas. As faculdades de administração, assim como, em grande parte, as de direito, economia e ciências sociais, formam um grande setor de educação geral no ensino superior brasileiro, que não é reconhecido como tal, ficando oculto baixo uma aparência formal de cursos técnicos e especializados. Quem pensa no conteúdo adequado para estes cursos, quem prepara os materiais de estudo, os livros de referência, as fontes de

[2] Derek Bok, ex-reitor de Harvard, enfatiza muito este ponto, em relação à famosa Harvard Busniness School, em seu livro de há alguns anos sobre Higher Education.

informação que necessitam? Não os professores das faculdades de administração. Nem os cientistas sociais "clássicos," que se ocupam de outras coisas.

III

Meu terceiro ponto, então, é que o quadro de aplicações para as ciências sociais é muito maior do que aquele desenhado por Renato Janine. Ele inclui, além da Educação, do Direito e da Administração, toda a área da saúde pública (que não deveria ser domínio exclusivo dos médicos), do ordenamento urbano, da mobilidade social, da pobreza, da marginalidade social, da demografia, do emprego, das transformações dos sistemas de valores, da velhice, da previdência social, da violência, e tantos outros. Hoje, os maiores centros de pesquisa social no Brasil, que geralmente nem aparecem nos levantamentos sobre o "estado da arte" que costumam ser feitos, são o IPEA e o IBGE, não somente pelos trabalhos que realizam na área da economia e da demografia, mas, de forma crescente, na área da educação, do emprego, da previdência, do trabalho informal, da pobreza e da justiça social. Nenhuma política de largo prazo para as ciências sociais no Brasil pode deixar de tomar em conta estas grandes áreas de aplicação, e deixar de incluir disciplinas tão centrais como a economia, demografia, o direito e a administração. Nenhuma política educacional de longo prazo pode deixar de tomar em conta a necessidade de prover educação geral com conteúdo e forma apropriados para esta grande massa de estudantes dos cursos de ciências sociais aplicadas, que são e continuarão sendo a grande maioria dos estudantes de nível superior.

IV

Concluo com três notas de pé de página, sobre a interdisciplinaridade e a questão da internacionalização das ciências sociais, e a questão das ciências sociais e as ciências naturais.

Primeiro, a interdisciplinaridade. Hoje, creio que as grandes fronteiras do trabalho interdisciplinar nas ciências sociais estão nos pontos de encontro entre a economia e as ciências sociais, por um lado, e destas com o direito, a administração e as humanidades, por outro. Cada vez mais, economistas, juristas e administradores sentem a necessidade de conhecimentos mais firmes sobre instituições, culturas, redes sociais; a administração se torna cada vez mais "humana", passo a passo com o desenvolvimento de novas tecnologias gerenciais e de informação; os cientistas sociais buscam, por um lado, os instrumentos mais precisos e práticos dos economistas e administradores, e por outro, as contribuições mais 'soft" da tradições humanísticas e literária.

Segundo, a questão da internacionalização da ciência. Qualquer observador das ciências sociais no Brasil pode notar que estes trabalhos interdisciplinares quase não existem em nosso meio, por razões várias, que têm a ver com a estrutura departamental de nossas universidades, mas principalmente pela debilidade de nossas ciências sociais aplicadas, que se explica em parte pela combinação de elitismo e formação precária que caracteriza grande parte de nossa comunidade especializada. O elitismo consiste em pensar nas ciências sociais "clássicas' como disciplinas centrais, capazes de formar o pensamento crítico e a consciência nacional, sem dar-se conta de que este papel de formação também é exercido por outras disciplinas, inclusive as naturais, quando não fica limitado aos grandes meios de comunicação de massas. A formação precária é o outro lado da moeda. Poucos cientistas sociais no Brasil, e praticamente nenhum curso superior e de pós-graduação, dá aos cientistas sociais a formação estatística e matemática que seria necessária para entender o que fazem os economistas e demógrafos, ou a formação especializada e a "scholarship" que lhes permita entender o campo do direito, da administração, da educação ou da cultura.

Fora do Brasil, na Europa e nos Estados Unidos, este trabalho interdisciplinar é muito mais intenso, e o envolvimento dos cientistas sociais com tema aplicados (e também com o trabalho teórico - estas coisas andam juntas) é muito maior e de melhor qualidade do que entre nós. Isto significa que continua sendo muito importante ver o que está ocorrendo lá fora, incorporar conhecimentos, comparar o que fazemos com o que é feito lá fora, intercambiar experiências, para aprender sempre e cada vez mais. A dimensão internacional e cosmopolita das ciências sociais não se dá de forma tão direta e simples quanto nas ciências naturais, mas não é menos importante.

Terceiro, a questão do relacionamento entre as ciências sociais e as ciências naturais. Longe de mim querer trazer, para este contexto, as "science wars" que ficaram notórias nos Estados Unidos e na Europa nos anos recentes. A sociologia ou antropologia da ciência desenvolvida nas últimas duas décadas, por autores como Latour, Knorr-Cetina, Bloor, Whitley, e tantos outros, e corporificada em revistas como "Science, Technology and Human Values", é, como tudo nas ciências sociais, um campo minado, de coisas absurdas, extremismos ideológicos e contribuições extremamente valiosas. O ponto principal, talvez, é que, graças a esta linha de trabalhos (mas não só a elas), as ciências (naturais e sociais) são muito mais "reflexivas", hoje, do que no passado. No passado, os cientistas tendiam a ser "true believers", acreditavam e defendiam de forma ingênua a bondade inata da Ciência, do Conhecimento e da Razão, e por isto acreditavam que a essência de qualquer política científica devia consistir, simplesmente, em dar mais recursos para que eles pudessem

levar adiante suas ideias e seus projetos. O paradoxo de hoje é que, por um lado, o poder e a importância dos conhecimentos científicos e tecnológicos são cada vez maiores; mas, por outro lado, há uma preocupação crescente com os possíveis efeitos negativos desta ciência que cresce como que sem limites, com as formas alternativas de organização do trabalho científico, com as fronteiras entre o "racional" e o "social". As pessoas, e as sociedades, já não querem dar aos cientistas a carta branca que eles sempre contaram em obter, em nome da Razão com maiúsculas. Eu diria que esta maior reflexividade sobre o alcance, as limitações e as responsabilidades do trabalho científico ainda não existe muito em nosso meio, apesar da existência de uma comunidade embrionária de pesquisadores. A área dos estudos sociais da ciência é interdisciplinar por excelência, ponto de encontro entre cientistas naturais, epistemólogos, filósofos, sociólogos e antropólogos, e merece seu lugar na elaboração de um projeto de longo prazo para a ciência e tecnologia brasileiras.